

Audiolivro: O Coração e a Garrafa multimedia.publico.pt

Mortes baixaram em passagens ferroviárias

Carlos Cipriano

Entre 2000 e 2010 foram suprimidas 1350 passagens de nível e construíram-se cerca de 500 passagens aéreas ou subterrâneas. Mesmo assim houve 49 acidentes

• Ninguém diria que acabaria em tragédia a travessia da via-férrea que os dois idosos tinham iniciado na estação de Riachos (Torres Novas) no passado dia 9 de Junho. Afinal a recta era de cinco quilómetros e o comboio ainda vinha lá longe. O maquinista bem apitou, mas os velhotes discutiam entre si e pareciam não ouvir. Fernando Matus, 37 anos, funcionário da Refer, deu-se conta e atirou-se à linha para os tentar salvar, mas acabou colhido pela composição e morreram os três.

Este foi o último acidente em Portugal numa passagem de nível. Em 2009 morreram 17 pessoas em atravessamentos rodoviários do caminho-de-ferro, das quais seis delas num único acidente. É um número que tem vindo a baixar, graças a um conjunto de in-

tervenções da Refer que tem levado ao encerramento de passagens de nível, à automatização de outras e à construção de desnivelamentos para que pessoas e viaturas passem por cima ou por baixo da via-férrea.

Entre 2000 e 2010 foram suprimidas 1350 passagens de nível e construíram-se cerca de 500 passagens aéreas ou subterrâneas, tendo-se ainda instalado barreiras e automatismos visuais ou sonoros de segurança em 569.

Esta actuação, que representa um investimento de 290 milhões de euros na última década, trouxe Portugal para uma densidade de 0,42 passagens de nível por cada quilómetro de via-férrea, um valor que já é inferior ao valor de referência europeu (0,5 passagens de nível por quilómetro).

Na prática isto traduziu-se numa redução de dois terços do número de acidentes ferroviários deste tipo. A Refer diz que se cumpriu o objectivo estabelecido nas Grandes Opções do Plano (2005-2009) de reduzir para metade a sinistralidade de nas passagens de nível face a 2004. Infelizmente, o número de mortos não desceu na mesma proporção e ficou-se por metade.



Em 2009 morreram 17 pessoas em passagens ferroviárias

Apesar da evolução positiva, a Refer tem uma nova meta e pretende em 2015 reduzir o número de acidentes em 60 por cento por referência ao ano de 2005, ou seja, menos de 29 acidentes num só ano.

É por isso que a empresa respondeu ao desafio da União Internacional dos Caminhos de Ferro (UIC) que, em conjunto com a Comissão Europeia e

as Nações Unidas, comemora hoje o Dia Internacional para a Segurança em Passagens de Nível. Numa sessão a realizar hoje de manhã na estação do Rossio, será apresentado um balanço da campanha *Páre, Esculte, Olhe* e novas acções de sensibilização para promover comportamentos seguros.

Segundo a UIC, na Europa morrem, em média, cerca de 600 pessoas por ano neste tipo de acidentes, sendo que 95 por cento são da responsabilidade de peões ou de condutores. Susana Abrantes, da Refer, diz que os idosos são também nesta área um grupo de risco. "Outro dia, em Xabregas, vi uma senhora idosa, de muletas, atravessar a linha com o sinal vermelho, as barreiras fechadas e o sistema sonoro a apitar", diz, lamentando a falta de atenção das pessoas. Um fenómeno emergente é o dos jovens que, ao usarem auriculares, ficam menos atentos aos sinais exteriores e correm maiores riscos. Contrariamente ao que geralmente se pensa, a maioria dos acidentes em passagens de nível envolve utilizadores habituais que, graças às rotinas diárias, baixam as defesas e se tornam imprudentes, o que pode vir a revelar-se fatal.

Militar da GNR morto em Timor deve chegar no fim-de-semana

• O corpo do militar da GNR que morreu na noite de domingo em Timor, em consequência de um acidente de viação, deverá chegar a Portugal no fim-de-semana, depois de cumpridos os formalismos obrigatórios para as forças que integram a ONU.

A explicação foi avançada ontem por um porta-voz do comando da GNR, tenente-coronel Costa Lima, que adiantou não serem conhecidos os motivos que estiveram na origem do acidente, o qual causou ainda ferimentos no condutor da viatura.

O sargento-ajudante Hermenegildo Marques, de 46 anos, com residência em Évora, encontrou a morte quando a viatura em que se deslocava não conseguiu fazer uma curva no caminho de terra e caiu numa ravina.

Os primeiros socorros, prestados por outros militares que seguiram num segundo carro, e por um médico do INEM, apenas possibilitaram que o militar continuasse vivo até chegar ao hospital das Nações Unidas, em Díli.

Quando ao condutor, o cabo José Branquinho, sofreu ferimentos que, diz a agência Lusa, não o colocam em risco de vida mas que, mesmo assim, obrigaram a que se procedesse à sua transferência para um hospital australiano. Os militares portugueses, dizem ainda os responsáveis da GNR, deslocavam-se para a aldeia de Uatulari, na



Sargento da GNR perdeu a vida quando a viatura em que se deslocava não conseguiu fazer a curva e caiu numa ravina

zona de Viqueleme, onde iam neutralizar um engenho explosivo. Quando o acidente ocorreu, às 6h locais, estavam a cerca de dez quilómetros da localidade de Manatuto.

O local onde ocorreu o despiste já havia sido percorrido em diversas ocasiões pelos militares sinistrados.

Este foi o primeiro acidente mortal envolvendo militares da GNR em missões em Timor-Leste, desde que para ali começaram a ser destacados em 1999. De acordo com declarações à agência Lusa do tenente-coronel Costa Lima, apenas um militar português morreu em missões no estrangeiro. Foi em 1998, em Angola.

O acidente ocorreu poucas horas antes de uma representante especial da ONU, Ameerah Haq, ter afirmado em Lisboa, perante o ministro da Administração Interna, Rui Pereira, que a presença dos militares portugueses em Timor é fundamental para a segurança do território. Ameerah Haq classificou as forças portuguesas destacadas em Timor como "um elemento crítico", nomeadamente na área "da formação policial e na transmissão do conhecimento às forças e serviços de segurança" timorenses. PÚBLICO/Lusa

Relatórios da Fundação da Ciência escapam à lei, diz TC

• Os relatórios de actividades e contas de 2007 e 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia não foram aprovados conforme a lei, por não ter sido nomeado um conselho coordenador, detectou uma auditoria do Tribunal de Contas (TC).

No relatório final da auditoria, realizada pelo Tribunal de Contas sobre as gerências de 2007 e 2008 e que está disponível no site do TC, é explicado que em Abril de 2007 foi publicada uma nova orgânica da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), na sequência da lei orgânica do Minis-

tério da Ciência e do Ensino Superior e do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado. De acordo com o TC, essa nova orgânica "manteve no essencial a sua missão, atribuições e órgão, mas alterou as competências destes últimos".

"O conselho coordenador da FCT não foi nomeado, o que implica que o orçamento e o plano de actividades de 2008 e os relatórios de actividade e as contas de 2007 e 2008 não foram aprovados nos termos da lei", lê-se no relatório. Diz ainda que "o fiscal único foi apenas nomeado em Maio de 2009,

mas as suas funções só tiveram início após Setembro do mesmo ano, o que não se coaduna com um adequado sistema de controlo interno".

De acordo com a informação disponível no relatório, o TC detectou "pagamentos autorizados por dois membros do conselho directivo sem que fosse delegada por este órgão a necessária competência", uma situação que, segundo o TC, foi alterada após a realização da auditoria.

O TC denuncia ainda no seu relatório uma "deficiente instrução de conta de 2007, nomeadamente quanto à ela-

boração do mapa de fluxos de caixa, à falta de informação e de mapas constantes dos anexos das demonstrações financeiras".

"Ausência de normas de controlo interno e inadequada elaboração do relatório de gestão, nos termos do POC [Plano Oficial de Contabilidade Pública]", bem como "incorrecta contabilização dos fundos de maneio e da aquisição de activos financeiros", são outras situações apontadas.

O TC recomenda à FCT a "constituição dos órgãos legalmente previstos". Lusa

Garcia de Orta confia na "recuperação total" das crianças

Natália Faria

• As duas crianças que ficaram queimadas após uma troca de medicamentos no Hospital Garcia de Orta, em Almada, deverão recuperar totalmente, segundo a direcção clínica daquele hospital.

Os dois meninos - de 18 meses e três anos - deixaram ontem a Unidade de Cuidados Intensivos do serviço de Pediatria, tendo sido transferidos para uma enfermaria, onde, após avaliação clínica, já iniciaram alimentação normal.

"O estado de saúde das duas crianças está estável, não havendo de momento motivos de preocupação maior", lê-se num comunicado do Garcia de Orta, onde a direcção clínica diz ser "prematuro avançar um

prognóstico relativamente a eventuais sequelas provocadas pelas lesões", afirmando-se "optimista quando à recuperação total das crianças, tendo em conta a evolução favorável registada nos últimos dias".

Dentro de quatro a seis semanas será feita uma nova reavaliação clínica.

As crianças ficaram queimadas nos intestinos, esófago e traqueia na quinta-feira, quando a médica do serviço de Otorrinolaringologia se preparava para lhes fazer um exame para despistar problemas de surdez e, em vez de tranquilizante, lhes administrou um medicamento usado para travar hemorragias nasais que contém ácido.

Os motivos da troca dos medicamentos - apesar de estarem em frascos parecidos, utilizam-se "em situ-

ações distintas e nunca se cruzam", segundo o hospital - só serão conhecidos "depois de concluído o processo de inquérito interno". Este foi aberto a seguir ao incidente e está a ser coordenado por uma comissão multidisciplinar criada para o efeito.

A médica em causa continua em funções porque, "do ponto de vista ético, não houve nenhuma atitude que justificasse a sua suspensão", segundo a directora clínica do hospital, Isabel França, citada pela agência Lusa.

100

Em cada 100 internamentos hospitalares dez complicam-se "por um erro qualquer", mas apenas um terço destes tem consequências